



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2016

Ciclo I ⇨ Marta Raquel Colabone

Ciclo II ⇨ Alexandre de Cássio Barreira

Ciclo III ⇨ Dalvanira Pais de Lima

Ciclo IV ⇨ Cássia D'Aquino Filocre

Ciclo V ⇨ Carina Bolgheroni Martins

Ciclo VI ⇨ Paulo Von Schwerin Pimentel

Índice

Ciclo I

Marta Raquel Colabone

O CAMINHAR PELO PÁTIO

ESCURO..... 03

Ciclo II

Alexandre de Cássio Barreira

ROBÔS SEXUAIS – UM OLHAR PSICANALÍTICO..... 09

Ciclo III

Dalvanira Pais de Lima

FILME "O QUARTO DE JACK" - UM OBSERVATÓRIO DO ÉDIPO LACANIANO 18

Ciclo IV

Cássia D´Aquino Filocre

ALGO DEVE MUDAR..... 25

Ciclo V

Carina Bolgheroni Martins

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DO PSICANALISTA EM INSTITUIÇÕES

SOCIAIS..... 31

Ciclo VI

Paulo Von Schwerin Pimentel

PSICANÁLISE A CÉU ABERTO E UM RECORTE CLÍNICO..... 37

2º Semestre 2016

Ciclo I

Aluno: Marta Raquel Colabone

Título: O CAMINHAR PELO PÁTIO ESCURO

Este ensaio pretende analisar o conto *Funes, o Memorioso*, de Jorge Luis Borges, a partir de referenciais teóricos da história e da psicanálise. Originalmente publicado no jornal *La Nación*¹ e, em 1944, na antologia *Ficções*², a versão utilizada, em língua portuguesa, foi traduzida por Davi Arrigucci Jr.³

Por que *Funes, o Memorioso*? Como historiadora o li, primeiramente, influenciada pelos estudos da memória, esse “(...) processo permanente de construção e reconstrução, um trabalho (...) que se dá no presente para responder a solicitações do presente”.⁴ Ao me deparar com o texto de Freud, Conferência I – Introdução⁵, no qual há a comparação entre o historiador e o psicanalista, revisei o conto buscando lê-lo sob um outro olhar; como nos ensina Alfredo Bosi, não mais com o *olhar receptivo* – aquele que pode ver involuntariamente, que pode receber –, mas com o *olhar ativo* – aquele que procura algo, que busca, que capta. “O olhar não é apenas dirigir os olhos e perceber o *real* fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de *cuidar, zelar, guardar*, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito (...)”.⁶

Instigada pela frase de Freud “(...) O psicanalista pelo menos reporta coisas nas quais ele mesmo tomou parte”⁷, também revisei leituras passadas e reencontrei-me com o artigo de Jeanne Marie Gagnebin, do qual cito: “(...) testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, o testemunho direto. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita

¹ *La Nación*. Artes y Letras, 7 de junio de 1942, p. 7.

² Borges, Jorge Luis. *Ficciones*. Argentina: Editorial Sur, 1944.

³ Borges, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, pp. 99-108. *Citações em tom rebaixado e itálico*.

⁴ Bezerra de Meneses, Ulpiano. A história cativa da memória? *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº34, 1992, p.10-11.

⁵ Freud, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*. Edição *standard* brasileira. Volume XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 25-33.

⁶ Bosi, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In Novaes, Adauto (org.). *O Olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, pp. 65-87.

⁷ Freud, Sigmund. *Idem*. Volume XV, p. 28.

que suas palavras revezam a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente esta retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente”.⁸

Trago, então, o conto para junto de mim e refaço os passos do narrador, que começa por dar suas impressões gerais de Irineo Funes: *a cara de índio taciturno e singularmente remota, atrás do cigarro, as mãos afiladas, a voz pausada, ressentida e nasal*. Sua primeira lembrança de Funes é do entardecer de 1884, em Fray Bentos, Uruguai, ao voltar de um passeio a cavalo sob uma ameaçadora tempestade. *Recordo a bombacha, as alpargatas, recordo o cigarro no duro rosto, contra o nuvarrão já sem limites*. Recorda-se da voz, ao responder, com precisão, as horas, como um relógio. A segunda lembrança data de 1887, ocasião em que Funes já havia se acidentado e se tornado paralítico. *Duas vezes o vi atrás da grade, que toscamente repisava sua condição de eterno prisioneiro; uma, imóvel, com os olhos fechados; a outra, imóvel também, absorto na contemplação de um cheiroso galho de santonina*. Ao saber que o narrador carregava consigo livros em latim, solicitou o empréstimo por meio de floreada carta. Dois deles foram enviados: o *Thesaurus*, de Quicherat, e o *Naturalis historia*, de Plínio, o velho. Um imprevisto com o narrador – o adoecimento de seu pai – o fez ir ao encontro de Funes, para ter consigo os livros de volta, já que partiria em seguida. Eis, pois, o momento em que, imbuída de um pano de fundo conceitual ancorado em Freud⁹ e em processo de apropriação, compreensão e manejo, torno-me ouvinte – e não menos testemunha – do encontro entre o narrador e Funes. Tomo essa experiência, a experiência de uma “longa jornada noite adentro”¹⁰, como ouvinte de um sonho. E se sonhos são desejos inconscientes, não ousarei (ainda) interpretá-los, mas levantarei questões e inferirei tantas vezes o (recente) percurso formativo me permitir.

De pronto, o narrador já informa como será seu relato: *Não vou tratar de reproduzir as palavras dele, irrecuperáveis agora. Prefiro resumir com veracidade as muitas coisas que Irineo me disse. O estilo indireto é remoto e fraco; eu sei que sacrifico a eficácia de minha narração; que meus leitores imaginem os períodos entrecortados que me acabrunharam naquela noite*. Ao mesmo tempo, busco os conceitos de censura, resistência e recalque para que me guiem na compreensão da narrativa. Para que possa perceber, no campo das forças psíquicas, o que será trazido à tona, vencida as amarras da censura, pois “(...) é frequente haver um trecho que

⁸ Gagnebin, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. Revista ComCiência. Número, 52, março 2004. <http://comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml>, consultado em 20 de maio de 2016.

⁹ Freud, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Edição *standard* brasileira. Volumes III, IV, V, VII, XII, XIV XV, XVI, XXII, XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁰ Drama autobiográfico de Eugene O'Neill escrito em 1941.

tem de ser deixado na obscuridade. (...) o umbigo do sonho”.¹¹ Atento, também, para o que é expresso, sabendo ser condensações que carregam consigo muitas significações.

Atravessei o pátio de lajotas, o corredorzinho; cheguei ao segundo pátio. Havia uma parreira; a obscuridade chegou a me parecer completa. E será na escuridão que o narrador ouvirá Funes, salvo um lampejo da brasa do cigarro a iluminar seu rosto fortuitamente. A atenção volta-se para sua voz. Busco, então, os conceitos de representação de coisa (imagem) e de representação de palavra (som).

“Ouvi de repente a voz alta e zombeteira de Irineo. Aquela voz falava em latim; aquela voz (que vinha do escuro) articulava com moroso deleite um discurso ou prece ou encantação. Ressoaram as sílabas romanas no pátio de terra; o meu temor julgava-as indecifráveis, intermináveis; depois, no enorme diálogo daquela noite, soube que formavam o primeiro parágrafo do capítulo XXIV do livro sétimo da Naturalis historia [de Plínio, o velho]. O assunto desse capítulo é a memória (...)”

Imóvel, Funes tem percepção e memória infalíveis. Guarda consigo um catálogo mental de imagens e lembranças, sensações musculares e térmicas. Seu presente é sempre nítido. *Eu sozinho tenho mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo.* Sua memória *é como um monte de lixo*, como o narrador almejado por Benjamin, aquele “que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder, de não deixar nada ser esquecido”.¹² Para além do domínio de várias línguas, Funes desenvolveu *um vocabulário infinito para a série natural dos números, um inútil catálogo mental de todas as imagens da lembrança.* Defesa, lembranças encobridoras, traço mnêmico e sistema mnêmico unem-se ao grupo conceitual; menos para explicar, mais para não perder de vista que o conceito polissêmico de memória exige cuidados especiais no campo psicanalítico.

“A memória cola fragmentos de várias porcelanas no mesmo vaso”. Carlos Drummond de Andrade

As lembranças de Funes revelam os desejos inconscientes do narrador: carregar a história da humanidade organizada em enciclopédias e dicionários; conservar essa história na língua latina, a mãe de tantas outras línguas que povoam o mundo ocidental e cujas características determinam pensamentos, falas, escritas e silêncios; visitar as instituições que conservam essa língua em seus cânones: a igreja católica, o direito, as ciências, a academia.

¹¹ Freud, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Edição *standard* brasileira. Volume V, p. 554.

¹² Gagnebin, Jeanne Marie. *Idem*.

Retornar ao passado clássico por meio da compilação feita por Plínio, o velho, em sua *Naturalis historia* e enfatizar as memórias prodigiosas: o saber o nome de todos os soldados, o saber vinte e dois idiomas, o saber repetir com fidelidade o que fora escutado uma única vez. Retornar ao passado clássico por meio das belas artes: a literatura, a música, as artes visuais. Qual seja, o desejo do narrador parece querer revisitar um mundo basilar, inspirador e, por vezes, determinante da forma de ser de uma contemporaneidade que se desmorona em grandes guerras de alcance mundial.¹³ Parece buscar feitos gloriosos, beleza e poesia em meio ao horror que escurece os céus e aos homens silencia. Enaltece a mnemotécnica, a arte da estimulação da memória – base das sociedades de tradição oral –, que se confundiu com a organização dos ofícios e o desenvolvimento das artes dado ser a forma de conservar um modo de fazer, um modo de transmitir, um modo de immortalizar. Se Funes tudo lembra, o narrador não quer esquecer. Não quer esquecer um mundo que immortalizou uma sociedade cujos descendentes tornaram-se errantes andarilhos de um século marcado por extremos: um vigoroso desenvolvimento técnico encarando uma nefasta falência das relações humanas. Ou, e ainda, se Funes tudo lembra, o narrador quer se esquecer – ou seria omitir-se? – do mundo que o assola; quer tornar-se prisioneiro de um mundo que não mais existe.

Funes era *conhecido por algumas esquisitices como a de não se dar com ninguém e a de saber sempre a hora, como um relógio*. Se *khronos* é o tempo que a tudo consome, Funes, ao devorar todos os acontecimentos, os mantinham intactos na memória – assim como o titã *Cronos* manteve os filhos vivos dentro de si. A energia necessária para a guarda de tantas imagens e lembranças o retira da possibilidade de convívio, de interação, de relação com o outro. O custo de tudo lembrar é o isolamento, a distância do mundo. O preço de tudo lembrar: Funes era quase incapaz de ideias gerais, platônicas. Funes quase não pensa. *Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair*. No mundo entulhado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos. É o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso.

Desamparado frente aos acontecimentos, o narrador recolhe-se ao antigo mundo clássico – os homens precisam uns dos outros, mas também sonham em se afastar da sociedade que limita suas pulsões¹⁴. A angústia o faz ver – por meio de Funes, que é um *lúcido espectador* –, mas não o faz olhar. Abnega-se a trazer o mundo que o assola para junto de si.

¹³ Borges publica o conto em meio à Segunda Grande Guerra Mundial (1939 - 1945).

¹⁴ O mal-estar na civilização in Freud, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Edição *standard* brasileira. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 73-174.

No entanto, o faz ser um expectador, já que está em espera fundada em probabilidades; afinal, “o que seria de nós sem o socorro das coisas que não existem”?¹⁵

(...) talvez todos nós saibamos no fundo que somos imortais e que, cedo ou tarde, todo homem fará todas as coisas e saberá tudo.

Mesmo recolhido em sonho, ao narrador lhe é dado saber que *dormir é distrair-se do mundo. Anuncia-se a aurora. A tímida claridade da madrugada entrou pelo pátio de terra. Então vi a cara da voz que havia falado a noite toda. Irineo tinha dezenove anos; nascera em 1868; pareceu-me monumental como o bronze, mais antigo que o Egito, anterior às profecias e às pirâmides. Pensei que cada uma das minhas palavras (que cada uma das minhas atitudes) perduraria em sua implacável memória; tolheu-me o temor de multiplicar gestos inúteis. Irineo Funes morreu em 1889, de uma congestão pulmonar.*

Ao se deparar com sua própria face, o narrador revisita as memórias mais profundas da humanidade: alicerça-se na idade do bronze (ou, idade dos Homens) e teme que o pouco de si – falas e gestos – perdure para sempre. Para além de esquecer, o narrador também quer ser esquecido, porque quer continuar a viver.

“Esquecemos mil vezes e morremos mil vezes, o que nos permite continuar vivos” Carlos Drummond de Andrade

Funes tinha o costume de *se imaginar no fundo do rio, embalado e anulado pela corrente*, em prenúncio à sua morte; o narrador desperta à vida embebido de suas profundezas e purificado por manifestá-las.

Com a imaginada voz zombeteira de Funes e o silêncio do narrador, retorno do segundo pátio atravessando o pequeno corredor; chego ao pátio de lajota, de cujas pedras ainda há muito excesso para a forma aparecer. Reúno os conceitos que ficaram nas entrelinhas desse ensaio folheando o caderno inaugurado em minha primeira atividade no Centro de Estudos Psicanalíticos¹⁶. Os conceitos foram escritos no canto direito da folha, em verde, em contraponto às anotações em preto: recalque, instinto, impulso, sedução e fantasia, atos falhos, chistes, anunciação, catexia, regressão, pulsão, lembranças encobridoras, negação, perversão, inquietante. Projeto de ordenação, hoje percebo que, mais do que isso – e os vocabulários e dicionários existentes já dão conta disso! –, eles precisam estar em relação, precisam ser contextualizados.

¹⁵ Paul Valéry.

¹⁶ As direções do tratamento clínico de Freud a partir das traduções de seus escritos, com Pedro Heliodoro Tavares, em 28 de novembro de 2015.

Ao adentrar no campo da psicanálise, deparei-me com a desconcertante experiência de não mais saber quais palavras usar para dizer o que queria dizer. Ouvi, certa vez, de Edgar Morin: “O homem se faz na linguagem que o faz”. Pois agora me refaço em nova linguagem, aquela que molda a possibilidade do visível. Nessa experiência, de continuar sendo historiadora e formar-me psicanalista, mirando “o intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista”,¹⁷ tão importante quanto os conceitos, a prática e a escuta, será me imbuir de palavras e ouvir tudo o que cada uma delas diz, mesmo que para o poeta Drummond “lutar com as palavras é a luta mais vã”.

Mas, como bem nos ensina Aristóteles, em sua Poética, “o ofício do poeta não é descrever coisas acontecidas ou ocorrência de fatos. Mais que isso, quando acontece, é segundo as leis da verossimilhança e da necessidade (...). A diferença entre historiador e poeta é a de que o primeiro descreve fatos acontecidos, e o segundo, fatos que podem acontecer”.¹⁸ O ofício do psicanalista, por sua vez, descreve a causa, o motivo, a origem dos fatos – eis, pois que, “no princípio, era o verbo”.

São Paulo, 1º de junho de 2016.

Referências Bibliográficas:

- Aristóteles. Poética, Trad. Cavalcanti de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- Bezerra de Meneses, Ulpiano. A história cativa da memória? Revista Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, nº34, 1992, p.10-11.
- Borges, Jorge Luis. Ficções. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, pp. 99-108
- Bosi, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In Novaes, Adauto (org.). O Olhar. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, pp. 65-87.
- Freud, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Edição *standard* brasileira. Volumes III, IV, V, VII, XII, XIV XV, XVI, XXII, XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Gagnebin, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. Revista ComCiência. Número, 52, março 2004. <http://comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml>, consultado em 20 de maio de 2016.

¹⁷ Freud, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Edição *standard* brasileira. Volume XV, p. 27.

¹⁸ Aristóteles. Poética, Trad. Cavalcanti de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

2º Semestre 2016

Ciclo II

Aluno: Alexandre de Cássio Barreira

Título: ROBÔS SEXUAIS – UM OLHAR PSICANALÍTICO

1. Introdução e objetivo deste trabalho:

Redes sociais. Blogs. Sexo virtual. E, enfim, o assunto objeto deste trabalho: sexo com robôs. As mudanças tecnológicas desse início de século XXI, com o advento da “sociedade da informação” e da “inteligência artificial”, passam a atingir, de forma contundente e definitiva, o psiquismo dos indivíduos – e como estes se relacionam com o mundo – de tal maneira que nos levam, enquanto psicanalistas, a refletir sobre questões como simulação e fragmentação – em especial do ego, fortemente marcado pelo narcisismo. Novas identidades se configuram a partir das interações do humano com o tecnológico. Nesse contexto – *a priori* altamente favorável à vazão de todos os impulsos narcísicos imagináveis – a identidade passa a ser algo a ser inventado, e não descoberto.

Como deve ser na postura psicanalítica, não cabe aqui fazer julgamentos – morais ou patologizantes – a respeito da utilização de tal meio para a satisfação do desejo sexual – ou seria da libido egóica? - por cada um. Afinal, cada sujeito é marcado por sua própria – e singular - história. Proponho-me, pois, por meio deste escrito, portanto, apenas a fazer algumas breves e introdutórias – e particulares - considerações acerca de um tema que me parece interessante, com o intuito de levantar meros questionamentos para futuros debates com colegas que se interessarem pelo assunto.

Afinal – deixando de lado o lugar-comum tão evidente nos dias de hoje de fazer um libelo ao narcisismo (sobretudo o secundário) – cabe-nos olhá-lo tal como se apresenta e se transforma, já que é, pois, fantasia, que também é um fato psíquico, talvez o maior e mais importante deles! Nem sempre de prejudiciais consequências, por sinal.

O objetivo deste trabalho é, portanto, basicamente tecer um breve panorama acerca de uma possibilidade cada vez mais real em nossos dias: como se moldará(ão) o(s) psiquismo(s) e a(s) identidade(s) sexual(ais) do(s) indivíduo(s), numa era em que há robôs, com corpos cada vez mais pretensamente humanos, à disposição para o sexo?

Partindo de um texto do jornal “Folha de São Paulo”, de 07/12/2015 - o qual passa-se a transcrever em seguida - traçarei, logo após, algumas considerações e conjecturas, de cunho psicanalítico, que entendo pertinentes.

Bom por ora salientar ao caro leitor que me inspirei predominantemente na teoria do narcisismo freudiano, bem como na metapsicologia kleiniana – que, alíás, julgo altamente conveniente, exatamente por não categorizar indivíduos, abrindo, sim, espaço para que possamos transitar livremente, enquanto seres humanos - desejantes e angustiados - pelo espaço antitético das posições, variando, ao sabor de nossa história, do esquizo-paranóide ao “depressivo”, e vice-versa.

2. Apresentação do caso.

TEXTO DO JORNALISTA ANDRÉ ZARA, PUBLICADO NA FOLHA DE SÃO PAULO, DE 07/12/2015:

“Robôs que fazem sexo ficam mais reais e até já respondem a carícias.

Joe toca Anita, diz algumas palavras-chave lidas de um cartão e pergunta: 'O que acontece agora?'. Ela é um robô com feições humanas e responde: 'O que você quiser'. Eles fazem sexo.

A cena é da série 'Humans', do canal AMC, que teve a primeira temporada exibida neste ano e imagina como as relações se complicarão quando robôs se tornarem produtos acessíveis.

'Humans' não está assim tão longe da realidade – ao menos na questão sexual, o que levanta polêmicas sobre o uso de máquinas 'inteligentes' para o prazer.

A companhia americana True Companion afirma ser a primeira do mundo a fornecer robôs sexuais. O modelo feminino Roxxy é vendido desde 2010 (também há uma versão masculina).

O aparelho movimenta a cabeça e fala com o usuário ('Estou tão excitada', diz ela quando lhe tocam os seios, de acordo com um vídeo de demonstração). Também pode ter aparência customizada (o cliente escolhe suas características) e cinco opções de personalidade pré-programadas (da mais comportada à ousada). Os orifícios têm sensores e motores para permitir uma experiência mais realista. O preço: US\$ 7.000.

'Robôs nunca estão aborrecidos e nunca trairão ou trarão doenças aos parceiros. O que nossos clientes querem é amor incondicional', diz à Folha o fundador da companhia, Douglas Hines, que não revela quantos robôs, feitos sob demanda, já vendeu.

A empresa Real Doll, também dos EUA, trabalha em uma nova versão de suas bonecas

realistas, que já tiveram 8.000 unidades vendidas, inclusive para o Brasil – eles também vendem uma versão masculina.

O objetivo é permitir que os aparelhos, feitos em tamanho real de humanos, também respondam com expressões faciais às carícias dos donos.

'Tivemos consumidores que se casaram com suas bonecas, afirmando que elas salvaram suas vidas após a morte de um parceiro ou o fim do relacionamento', disse a empresa à Folha, em nota.

'ROBOFILIA'

Nem todo mundo vê essas 'relações' com bons olhos. Em setembro, Kathleen Richardson, pesquisadora de ética em robótica da Universidade de Montfort (Reino Unido), lançou a campanha 'Não Faça Sexo com Robôs'.

Para ela, o tema está intimamente ligado à transformação de pessoas em objetos – as máquinas, segundo ela, reforçam os estereótipos e transformam as próprias pessoas em objetos.

'É perigoso organizar a sociedade em volta da despersonalização de alguns, porque seus corpos atendem aos desejos de outros usando mais poder e recursos', diz.

'Aqueles que promovem o sexo com robôs estão dizendo às pessoas que seria igual a ter um relacionamento com uma pessoa. É um absurdo: um robô só imita o comportamento humano.'

O consultor em tecnologia britânico Ian Pearson, que alardeia ter um índice de acerto de 85% em suas previsões para o futuro, diz que é inevitável que, em algum tempo, transar com robôs seja tão comum quanto com humanos, popularizando a 'robofilia'.

'Pessoas certamente irão se apaixonar pelas máquinas e pela inteligência artificial – que pode, inclusive, retribuir', afirma o pesquisador, autor de um estudo divulgado neste ano sobre o assunto.

Para ele, o diferencial das máquinas será a customização e a interatividade, por meio da inteligência artificial.

Todo esse desenvolvimento terá impacto na sociedade, levantando questões éticas. 'De qualquer modo, não acho que as pessoas vão parar de ter famílias por causa dos robôs. O que pode acontecer é que uma pequena parcela da população, que não tem habilidades sociais, se vicia nessa prática', afirma Pearson.

PREVISÕES PARA O SEXO NO FUTURO

2030. A maior parte das pessoas vai fazer alguma forma de sexo usando realidade virtual – com a mesma frequência com que se vê pornografia hoje. Com o desenvolvimento de lentes de contato para a transmissão, a experiência será cada vez mais realista.

2035. A maioria das pessoas terá seu próprio brinquedo ou dispositivo de sexo (como vibradores) que interage com realidade virtual. Com a 'internet das coisas', nosso sistema nervoso vai se conectar diretamente à rede, nos permitindo experimentar sensações.

2050. Começaremos a ver o sexo com robôs se popularizar. Isso separará ainda mais o relacionamento amoroso do sexo, tornando comum que parceiros transem com máquinas, sem que considerem isso uma traição.

(Fonte: relatório 'The Future of Sex: The Rise of the Robosexuals' (O Futuro do Sexo: o surgimento dos robossexuais)."

3. Considerações.

Primeiramente, saliento que a ética da Psicanálise é a ética do desejo. Buscará sempre o psicanalista a escuta da autêntica revelação, bem como manejar o processo analítico de modo a garantir, pelo analisando, a defesa dos seus desejos, não havendo permissão para qualquer troca deste pela moral, pela “sanidade” ou pela Lei. A única Lei por ora válida é aquela do desejo, a que o enuncia, da forma mais bruta, natural e genuína. Assim, não me caberá, aqui, qualquer pronunciamento sobre se fazer sexo com robôs é propriamente “bom” ou “mau”. Até porque os conceitos de “bom” e “mau” dependem de como tais elementos, enquanto objetos fantasísticos, foram incorporados pelo sujeito individualmente considerado. Nada é absoluto e tudo é paradoxo (e, portanto, altamente contraditório) em Psicanálise.

Entretanto, a despeito desse afastamento da Moral, da Ética e do Direito, vale constatar que os robôs sexuais podem ser “utilizados” pelos indivíduos das mais variadas formas: desde como um mero objeto auxiliar eventual em um processo masturbatório, um brinquedo erótico, a acrescentar algo à relação sexual entre duas – ou mais pessoas - tal como um vibrador; bem como, no outro extremo, servir de meio exclusivo de satisfação pretensamente fálica (não usarei o termo sexual porque pressuponho que sexo – advindo de Eros - envolva sempre mais de um ser humano, sendo que o objeto em questão, por mais “humanizável” que seja, não é de fato humano, mas sim composto de “chips” e plástico), de modo a se evitar, assim, qualquer socialização com outro ser humano (este sim o único objeto libidinal possível, a despeito de toda a tecnologia posta à disposição para o consumo).

Assim como outros objetos comumente adquiridos em *sex shops*, o robô sexual pode sim

representar um mero acessório. E, neste caso, por que não usá-lo? Não deixa de ser interessante, em uma masturbação ou durante um ato sexual entre duas – ou mais – pessoas, a utilização de tal objeto. Pode ser muito divertido e sem maiores consequências uma “transa” com um robô, desde que os seres humanos em tal ato envolvidos possuam a plena consciência de que o objeto utilizado se trate, de fato, apenas disso: um robô, um brinquedo. Ali posto apenas com fins de recreação, de diversão.

Afinal, voltando e revisitando Freud, tratar-se-ia de mera perversão sexual sutil, permitida até mesmo entre os neuróticos. Seria o robô algo tão diferente do beijo de língua, este também sem nenhum caráter reprodutivo? Creio que não. Afinal, o desejo humano é contingente, e se desloca, dinamicamente, no psiquismo. Não fazemos, enquanto espécie, sexo para meros efeitos genitais de reprodução. E, nesse sentido, o robô representaria apenas um colorido a mais na extensa paleta de cores da sexualidade humana, a incrementar mais ainda o prazer e a interação sexual entre os indivíduos. Não se coloca o robô – coisa, e não pessoa – na posição de objeto libidinal, neste caso. Não ocorre, aqui, qualquer alucinação afetiva.

Por outro lado, em outros casos, que, por ora, mesmo sem qualquer embasamento científico ou estatístico assumo como minoritários, o robô sexual pode vir a representar um substituto para os humanos no que se refere à escolha objetal. Faz-se “sexo” com robôs (e, muitas vezes, “apenas” com robôs), em uma espécie do que passo a denominar “fuga do objeto humano”. Entendo tal fenômeno como uma espécie de negação do objeto libidinal, um autoexílio sexual, de cunho narcísico – e, portanto, antierótico.

Para muitos, destarte, a escolha do robô sexual perfeito, como substituto do parceiro ideal – em que se escolhe desde a cor dos cabelos, formato do dedo dos pés e até mesmo o “comportamento” a ser desempenhado - representaria uma falsa – e confortável – sensação de controle do incontrolável da vida, em verdadeiro quadro obsessivo. Esta é apenas uma das múltiplas possibilidades que tentarei enumerar - de direcionamento da libido para dentro de si. Não há, portanto, Eros, pois não há outro ser humano do outro lado. Há uma espécie de autismo, no sentido de autossuficiência obsessiva, de tentativa de controle de todo o universo daquele único ser humano nele envolvido.

Não muito diferente disso é o caso daquelas pessoas que – como o texto expressamente mencionou, aliás – acessariam os robôs sexuais como substitutos de um parceiro humano perdido. Por não terem elaborado o luto, acabam entrando em estado de melancolia – esta de natureza narcísica – e, em vez de direcionarem a libido a outro ser humano, acabam internalizando, introjetando dentro do seu próprio ser o objeto libidinal – com suas idealizações e falhas – sendo o boneco sexual apenas uma corporificação alucinatória de parte do ego

cindido daquele que o utiliza. Tem-se, portanto, a confortável ilusão de fruição de Eros, com o cômodo direcionamento, de fato, da libido para o próprio ego. O objetivo do melancólico, portanto - de apaziguar o luto sem elaborá-lo, bem como de tentar ignorar a própria introjeção do objeto de amor perdido (ou jamais alcançado) – emerge (falsamente) à consciência, em um gozo sintomático, na aparência humana do boneco robotizado, de inteligência “artificial”. Poderíamos, neste caso, até mesmo falar em “cisão do ego”.

Na verdade, em todos os casos supra elencados, se abstrairmos friamente, a pornografia e os objetos eróticos hoje disponíveis no mercado sexual de massa já desempenham – de forma mais rudimentar e menos ilusória, talvez – esse papel de potenciais catalisadores do prazer sexual ou de substitutos do objeto erótico, essencialmente humano. O que pode ser acrescentado no caso dos robôs é que, pelos traços pretensamente humanos que tais artigos assumem, bem como por serem estes dotados de inteligência “artificial”, essa ilusão de sensações pode ser bem mais forte - o que teria o potencial de aumentar exponencialmente o delírio daqueles que se fecham libidinalmente dentro do próprio ego – este cindido - indo além do neurótico-perverso, e resvalando para o paranóico-psicótico-esquizóide.

Porém, cabe-nos agora verificar, por outro lado, que, como já levantado anteriormente neste trabalho, que o desejo humano é contingente, além de altamente deslocável. Arrisco, portanto, dizer que, mesmo nos casos em que haja uma maior ilusão, por parte do dono do “brinquedo robótico”, de este ser “humano”, que a tendência é haver o seu descarte com o decurso do tempo de utilização. Afinal, tanto amor quanto desejo se constituem na falta (mas, afinal, não se trata de amor). Uma vez que aquele objeto está prontamente disponível para usufruto quando se quer, “perde-se a graça”, e outros substitutos – sejam eles robôs, outros brinquedos sexuais ou até mesmo humanos (!!!) – assumirão naturalmente o posto de novo “objeto de desejo” (que essencialmente deve permanecer irrealizado para, enquanto isso, nele/nela se fixar).

Nesta senda, pouco comentarei sobre “casamentos” entre humanos e robôs. Pensando nisso, talvez seria engraçado viver até 2050 e perceber a alta quantidade de “divórcios” entre humanos e seus robôs sexuais. Será que estes últimos sentiriam raiva ou pediriam pensão alimentícia? Penso que muitas pessoas, com certeza, teriam grande satisfação sexual se essa “rebeldia” fosse programável (risos). É a rebeldia que daria um efeito ainda mais realístico à ilusão de humanidade, tão buscada. E, em muitos casos, satisfaria, sem dúvida, o narcisismo daqueles que se julgariam alvos de uma “genuína rebeldia” (do robô).

Por último, neste tópico, a indagação: “se robôs não amam, seria possível realmente amá-los?” Penso que não. Por mais que tentemos nos iludir em sentido contrário, creio que

alguém que consegue se deslocar, razoavelmente, da posição esquizo-paranóide para a depressiva, tal como descrito por Melanie Klein, consiga sair do próprio delírio e entender que os “sentimentos” robóticos, por serem “artificiais, programáveis e programados”, sem margem para qualquer imprevisto ou variação – ou seja, contingências - os mantêm na condição de inumanos. Assim, qualquer transferência ou relação erótica torna-se impossível – não passando de mero delírio - o que tende a mantê-los, pelo menos para a maioria das pessoas, na sua exata condição de “brinquedo” ou “acessório” - e não de pessoa.

4. Conclusão.

Para concluir, gostaria de salientar que, por mais que os seres humanos fujam de Eros – seja em razão de um luto mal vivenciado, seja em decorrência de um isolamento narcísico ou, como mais comumente observado, em virtude de um medo de se magoarem e de se desiludirem, de natureza neurótica-obsessiva – exatamente em decorrência da máxima psicanalítica de que “o desejo é contingente e se constitui na falta”, Eros estará sempre à espreita. Nunca nos satisfaremos com coisas, porque elas, uma vez adquiridas, nos são totalmente disponíveis (e descartáveis). E a falta constituidora do desejo se baseia na imprevisibilidade do objeto libidinal, o que somente outro ser humano pode oferecer, com seus sentimentos “naturais”, contingentes e, portanto, absolutamente “não-programáveis”.

Por mais que lutemos contra nossos desejos, a possibilidade de interação com o outro e de impactarmos nossa existência por meio da fantasia alheia sempre nos fascinará, de modo que o autismo - entendo eu - permanecerá como exceção, e o erótico como a escolha mais frequente.

Em época de medos excessivos e de soluções rápidas, a ideia de usufruir de um robô sexual, aparentemente muito semelhante a um ser verdadeiramente humano, feito sob medida, segundo nossas momentâneas preferências, pode nos seduzir. E, em muitos casos, de fato pode representar até mesmo um paliativo para a manutenção da integridade de um ego fragilizado. No entanto, tomá-lo pretensamente como substituto de Eros pode se tornar um caminho equivocado rumo a um vazio sem fim e a um estado de fechamento e autocentramento egóico, em nada salutar ao psiquismo.

Não é à toa que a depressão – decorrência óbvia do isolamento das pessoas, da “solidão na multidão” – tem se tornado o grande mal-estar da sociedade ocidental do século XXI. Esse isolamento em si só tende a se agravar enquanto a tecnologia for utilizada como barreira protetiva da alteridade. Depois dos condomínios fechados, vem, pois, o isolamento dentro de nossas próprias casas, em nossos quartos, sobre as nossas camas. Basta, então, comprar um

boneco para satisfazer-se com ele, do nosso próprio jeito, conforme idealizado, planejado, “programado”?

Entendo que não.

No entanto, como dito acima – e sou otimista – podemos sim tomar a tecnologia em nosso favor. Quem sabe questionar a noção de “substituição” pela de “suplementação”? Por que não convidar outro(s) sere(s) humano(s) para brincar conosco, utilizando o mais novo “acessório *high tech*”? Sob este viés, o que era antes um fator de isolamento passa a ser altamente gregário. E aí, enquanto psicanalista, acho até interessante tal uso. Não sou, pois, um temeroso quanto às perversões. Creio ser tudo uma “mera questão de medida”.

Demais disso, por derradeiro, ressalto que, embora hoje seja mais explícito, não acredito que a utilização de objetos – inclusive para finalidades de cunho masturbatório-sexual – com o fito de isolamento individual, seja privilégio do altamente tecnológico século XXI. Afinal – e termino com esta indagação em aberto: “Quantos de nós e de nossos antecessores humanos já não tomamos outro ser humano (e não o robô) enquanto coisa, diante de nós posta como mero objeto de nossa autossatisfação narcísica, em desconsideração total da subjetividade alheia?”

* * * *
- - -

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Melanie Klein. Estilo e Pensamento**. São Paulo: Escuta, 2ª ed., 2010.

FREUD, Sigmund. (1905). **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 7, pp. 119-229.

FREUD, Sigmund. (1914). **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 14, pp. 77-108.

FREUD, Sigmund. (1916-1917). **Conferência XXI: O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 16, pp. 325-342.

ZARA, André. (2015). **Robôs que fazem sexo ficam mais reais e até já respondem a carícias**. In: Folha de São Paulo, 07 de dezembro. Disponível via web em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/12/1715767-robos-que-fazem-sexo-ficam-mais-reais-e-ate-ja-respondem-a-caricias.shtml>.

* * * *
— — —

2º Semestre 2016

Ciclo III

Aluno: Dalvanira Pais de Lima

Título: FILME "O QUARTO DE JACK" - UM OBSERVATÓRIO DO ÉDIPO LACANIANO

I - Introdução

Quando adentramos no estudo da psicanálise, não raramente, nos pegamos fazendo correlações e identificando conceitos psicanalíticos em narrativas trazidas pelo cinema, literatura ou teatro. Recentemente, vivi esta experiência de forma muito marcante ao ver o filme "O quarto de Jack", coincidentemente na mesma época em que estávamos estudando o Édipo em Lacan.

A apreensão da teoria ainda que demande uma grande dose de abstração, ao mesmo tempo nos incita a buscar ressonância com nossas experiências, sejam elas vividas ou observadas.

Quando assisti ao filme, tive a impressão de estar identificando os conceitos do Édipo Lacaniano como se o fizesse a partir da lente de um microscópio, em que é possível magnificar o objeto observado muitas vezes. No filme que trata da relação de uma mãe e seu filho, dois elementos propiciam este tipo de observação; o primeiro é o confinamento espacial, pois o desenvolvimento da criança junto à mãe, durante os primeiros cinco anos de vida, se dá num diminuto quarto, sem contato físico com o mundo exterior; e o segundo é a dilatação do tempo cronológico, considerando-se que cinco anos supera em muito o tempo em que essa relação se restringe à díade mãe-filho.

Neste trabalho pretendo identificar e relacionar os três tempos do Édipo Lacaniano na história narrada em o "O Quarto de Jack", a partir da abordagem de Hugo Bleichmar¹⁹.

Inicialmente apresentarei uma sinopse do filme, buscando informar ao leitor que não o tenha assistido e, posteriormente, à medida que discorrer sobre a teoria, retornarei à história, valendo-me disto quase como uma ilustração dos conceitos.

¹⁹ BLEICHMAR, H. (1984) *Introdução ao Estudo das Perversões: Teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas.

II – O filme “O Quarto de Jack” (Room)

O filme de 2015 é coprodução canadense-irlandesa, dirigido por Lenny Abrahamson e baseado no livro de mesmo nome, da autora e também roteirista do filme, Emma Donoghue.

A história é narrada a partir do olhar de Jack, garoto de cinco anos, que desde seu nascimento vive com sua mãe Joy, a quem ele chama de Ma, num quarto onde a visão do mundo exterior se restringe a uma claraboia no teto e às imagens de uma TV. Joy tem vinte e quatro anos e há sete é mantida nesse cárcere por seu sequestrador, a quem ela se refere como Velho Nick. Jack é fruto da violência sexual praticada pelo sequestrador, e foi desde seu nascimento a motivação que Joy encontrou para continuar vivendo naquela condição tão adversa.

No entanto, ao completar cinco anos, Joy percebe que é o momento de mostrar a Jack que existe um mundo além das quatro paredes do quarto em que ele sempre viveu. O menino, de imediato, reluta em aceitar que haja uma realidade diferente daquela até então construída por sua mãe. Porém, ainda que, aparentemente, a proteção e o afeto da Ma lhe bastassem, Jack aos poucos vai se deixando conduzir pela curiosidade de conhecer o mundo de fora e participa do plano arquitetado por Joy para enganar o sequestrador, Nick, e escapar do quarto.

Após a fuga bem sucedida que devolve a liberdade a Jack e sua mãe, inicia-se a segunda parte do filme, não menos aflitiva que a primeira, em que mãe e filho enfrentarão grandes desafios, ela para reencontrar seu lugar e ele para se adaptar a um mundo até então desconhecido.

III - O primeiro tempo do Édipo

No primeiro tempo, o menino é o falo da mãe sem o saber e esta, por possuir aquele, é a mãe fálica (BLEICHMAR, 1984, p.)

Na primeira cena do filme, Jack narra seu nascimento: *“Era uma vez... antes de eu chegar..., você só chorava e via TV o dia inteiro..., até virar zumbi. Mas eu descí do céu pela claraboia até o quarto. E eu estava te chutando por dentro, bum, bum, e daí eu saí no tapete com os olhos bem abertos e você cortou o cordão e disse: Olá, Jack”*. A ternura da voz do pequeno narrador revela o quanto ele se sentiu bem acolhido pela mãe ao chegar ao mundo.

Tanto as condições adversas em que se encontrava Joy como a concepção decorrente de um estupro levam-nos a pensar sobre que lugar ocupou Jack na vida psíquica dessa jovem mãe.

Relembrando que Joy já se encontrava no cárcere há dois anos quando nasceu Jack, podemos supor que a capacidade de gerar, trazer ao mundo e cuidar de uma criança tenha lhe mobilizado um generoso quantum de pulsão de vida.

Joy depositou em Jack seu desejo de permanecer viva e ao fazê-lo o constituiu como falo, segundo Lacan, o significante da falta. Por outro lado, quando ouvimos de Jack: “... *antes de eu chegar, você só chorava e via TV o dia inteiro, até virar zumbi.*”, o vemos perfeitamente identificado ao falo.

Nesse ponto recorremos a Bleichmar quando indica a distinção que Lacan faz entre o falo simbólico na estrutura edípica e o falo na subjetividade:

(...) Interpreta o falo, não a partir da subjetividade dos que estão na situação edípica e sim a partir de uma teoria que caracteriza o Édipo e a variação de seus tempos em função de como os personagens fiquem situados em relação ao falo (BLEICHMAR, 1984, p.).

Poderíamos dizer que, nessa situação, a privação da liberdade e a conseqüente violência impetrada a seu próprio Eu seriam para Joy a representação simbólica de sua castração, condição esta a que todo sujeito está submetido. Investir no desenvolvimento do filho significou para Joy dar nova dimensão à vida circunscrita às quatro paredes do quarto e, ao fazê-lo, inscreveu em Jack sua condição de falo, ao mesmo tempo em que ela própria se constituiu como mãe fálica.

Em outra seqüência do filme, quando Jack fala de si, da mãe e até dos utensílios e móveis presentes no quarto, percebe-se o quanto aquele espaço lhe é carregado de sentido. Joy se configura perfeitamente na *mãe suficientemente boa* de que fala Winnicott, pois a partir dos recursos que lhe eram disponíveis, ela foi capaz de propiciar as condições necessárias para o desenvolvimento físico e psíquico de Jack.

Jack responde de forma positiva aos cuidados da mãe, que se revelam na preocupação com a alimentação, uso de suplementos vitamínicos que ela pede ao sequestrador e até exercícios de ginástica realizados no pequeno espaço. Ele realiza sem resistência e de forma lúdica as tarefas determinadas pela mãe numa clara demonstração de que queria agradá-la. Joy se apoia em livros infantis, programas de TV, brinquedos construídos por ela para transmitir a Jack uma maneira de compreender sua realidade.

Até os cinco anos de idade, a relação mãe-filho ainda se configura numa relação de mútua completude que fica ainda mais evidente no gesto de Joy amamentá-lo com o seio antes de dormir.

O tom da narrativa de Jack na parte inicial do filme, em que ele descreve sobre sua origem e de como é a vida no quarto, pressupõe uma situação de existência harmônica, o que nos leva a pensar que ele próprio se veria como a imagem da perfeição e sobre quem não se inscreve uma falta. Nesse sentido, podemos dizer que Jack se vê identificado ao falo imaginário.

Falo imaginário é, assim, tudo o que completa uma falta de perfeição, anulando a imperfeição. (BLEICHMAR, 1984, p.)

IV – O segundo tempo do Édipo

No segundo tempo, ambos deixam de ser o falo e de tê-lo, respectivamente, mas ainda assim há um personagem que o é: o pai. (BLEICHMAR, 1984, p.)

Na sequência do filme, Jack completa cinco anos de idade e Joy lhe comunica que farão um bolo de aniversário para comemorar. Os dois se dedicam a prepará-lo, e no momento da celebração, Jack cobra as velas, alegando que não seria um verdadeiro bolo de aniversário se não tivessem velinhas para serem apagadas. A mãe tenta explicar que não pediu velas ao velho Nick, o sequestrador, porque ela só podia pedir um número determinado de itens e precisou optar por coisas de maior prioridade para eles. A explicação não foi suficiente para aplacar a frustração de Jack, que protesta chorando muito.

Acredito que essa cena poderia ser vista como a inauguração do segundo tempo do Édipo, ainda que saibamos que o desenvolvimento psíquico não obedeça a uma sequência cronológica linear tão demarcada.

Nesse momento, uma falta se inscreve na relação mãe/filho, desfazendo-se a mútua completude.

Do ponto de vista da trama, supomos que a cena também instalou em Joy a certeza de que sozinha seria incapaz de suprir as necessidades do filho e de que deveria lhe falar sobre o mundo além das quatro paredes do quarto.

Pensando no que diz Bleichmar sobre a situação dos personagens em relação ao falo para caracterizar os tempos do Édipo em Lacan, diríamos que o lugar do “Pai” estaria representado pelo mundo fora do quarto e sobre o qual se volta o desejo de Joy, a mãe.

Nesse ponto, poderíamos pensar por que Nick, o sequestrador, não ocuparia o lugar de “Pai” na estrutura edípica? Antes de qualquer coisa, é bom que se diga que Joy, durante todo o desenrolar da história, nega até para si própria, a paternidade de Nick e em nenhum momento

menciona a Jack que ele seria filho do sequestrador. É como que se o filho fosse fruto apenas dela mesma. Aparentemente existiria um acordo entre ela e o Velho Nick de que este não manteria contato com o menino, tanto que, quando de suas visitas noturnas, Jack dormia ou ficava quieto dentro de um armário. Por seu lado, Joy atendia às demandas sexuais do sequestrador, sem relutância, como se fosse o preço pago para preservar a segurança de Jack.

Deste modo, vemos que não está em Nick, o sequestrador, a função daquele que interdita o desejo da mãe em relação ao filho. Seu papel se manteve inalterado durante a trama, seu olhar se dirigia unicamente para Joy, como objeto de satisfação narcísica e o sintoma de sua psicose.

Voltemos agora para o momento em que Joy diz a Jack que uma vez que ele já tem cinco anos é capaz de compreender que, na verdade, existe um mundo fora do quarto e de que forma ela chegou até lá. O menino, de imediato, reluta em aceitar que haja uma realidade diferente daquela inicialmente construída por sua mãe, baseada nos móveis e utensílios existentes no quarto, nas histórias de livros infantis e nos programas que ele via na TV. Além disso, resiste em aceitar que a mãe não esteja satisfeita com a vida que levam juntos dentro do quarto. O sofrimento de Jack nessa passagem se expressa na frase: “Preferia continuar com quatro anos”.

Podemos dizer que nesse momento Jack vivencia a dor de não ser mais aquele que supre o desejo da mãe – não ser mais o falo.

V - O terceiro tempo do Édipo

No terceiro, ninguém o é, o falo fica inserido na cultura, mas além de qualquer pessoa. O falo se tem, mas não o é. (BLEICHMAR, 1984, p.)

Como já mencionado na sinopse, Joy elabora um plano de fuga para Jack e este não só consegue sair como indica o cativado de onde a mãe também é libertada. Após a fuga, inicia-se uma nova fase da trama, onde a tônica será o desafio de ambos para se situarem no mundo fora do quarto.

Nessa segunda parte do filme, pretendo identificar algumas cenas que, a meu ver, ilustram bem o terceiro tempo do Édipo laciano: se no quarto a relação simbiótica entre mãe e filho permitiu a sobrevivência de ambos e certa sensação de que um era o complemento do outro, do lado de fora eles se veem defrontados cada qual com sua própria incompletude. Ouso dizer, que não mais se veem como falo, o falo deverá ser conquistado.

Quando voltam para casa, Joy se depara com uma mudança estrutural na sua família, pois, durante os anos em que esteve sequestrada, seus pais se divorciaram e a mãe casou-se novamente. Ela fica muito decepcionada quando se dá conta de que a vida dos familiares prosseguiu durante sua ausência. Diríamos que nesse momento a dor de Joy se traduz na percepção de não ser o falo da família.

Para Jack, chegar ao mundo fora do quarto significou um novo nascimento e isso transparece até mesmo nas sensações de estranhamento em relação à claridade e ao dimensionamento de seu corpo diante de um espaço infinitamente maior do qual ele estava acostumado. Além disso, ele vivenciará a separação em relação à mãe, pois Joy mergulha num profundo estado depressivo que culmina numa tentativa de suicídio.

Vemos que, diante dessa situação, Jack, apesar de ter vivido até então numa condição tão adversa, foi investido pela mãe com recursos psíquicos que o capacitam a enfrentar essa difícil fase de seu desenvolvimento. Contando com a ajuda da avó, personagem muito amorosa, e da disposição do companheiro da avó, o garoto vai conseguindo paulatinamente se adaptar à nova situação de forma fortalecida, digamos que assim vai se dando sua inserção na cultura e aceitação de que há uma lei a que todos estão submetidos. Numa das cenas, ele declara à avó que a ama. Nessa frase fica estabelecida sua capacidade de se ligar a novos objetos.

Há uma cena do filme que considero bastante representativa do caráter circulante do falo – os personagens o têm, mas não o são. Ela acontece quando Jack pede à avó que corte seus longos cabelos, que até então não os cortava porque continha sua força, uma menção à história de Sansão, contada pela mãe. Depois de cortados, ele pede à avó que leve o cabelo para a mãe que estava internada recuperando-se da tentativa de suicídio e explica-lhe que, naquele momento, ela é quem precisava mais de força. Nessa representação simbólica, Jack reconhece a castração da mãe e a sua própria, admitindo que algo fora dele possa ajudá-la. A força que estava com ele, pode ser transferida a Joy e a qualquer outro que dela necessite.

VI – Final

Na última cena do filme, a pedido de Jack, Joy o acompanha até o quarto onde viveu seus cinco primeiros anos. O garoto percorre o quarto como que procurando algo de si que pudesse ter deixado lá, mas aos poucos vai sentindo certo estranhamento, pois talvez não mais identifique aquele local com as boas lembranças de uma fase de sua vida. Partem deixando para trás uma experiência traumática, mas levam consigo a construção de uma subjetividade calcada no amor.

Segundo Lacan (apud BLEICHMAR, 1984), o que determina que o menino deseje ser o objeto do desejo da mãe não é a dependência vital, mas sim a dependência de amor. Joy, numa condição totalmente desfavorável, conseguiu amar e dar vitalidade a Jack.

2º Semestre 2016

Ciclo IV

Aluno: Cássia D´Aquino Filocre

Título: ALGO DEVE MUDAR

O termo “ transexualismo “ foi introduzido no início dos anos 50 por Harry Benjamin, endocrinologista norte-americano, que propôs um tratamento à base de hormônios (do sexo oposto) para aliviar o sofrimento de seus pacientes. Mas foi o psiquiatra e psicanalista Robert Stoller que buscou definir o transexualismo como uma estrutura psíquica, associando sua gênese ao núcleo fundamental da identidade de gênero. Stoller procurou estabelecer as características do transexual, distinguindo-o do travesti e do homossexual efeminado. Para atender a esse objetivo, consolidou um conjunto de características que, ainda hoje, são observadas para o diagnóstico de transexualismo. É o caso, por exemplo, da importância do pênis. Se para o transexual ele é objeto de ódio e vergonha, para os travestis e homossexuais isso não acontece. Outro traço elencado por Stoller era o sentimento de identidade: diferentemente do transexual - que se sente mulher e sempre se sentiu assim-, os travestis e homossexuais se percebem como homens.

A característica definitiva para Stoller, entretanto, a condição *sine qua non* para o diagnóstico de transexualismo, era um certo tipo de relação que o paciente teve com a mãe na infância, ou, para dizer com mais precisão, o tipo de mãe que o paciente teve.²⁰

Em sua primeira obra, *Sex and Gender*, Stoller retratava a mãe do transexual como alguém que inveja o pênis do filho. Essa inveja, acentuada pelo ódio que sente em relação aos homens - à exceção de seu filho, ela os detesta a todos - não poupa a virilidade de sua criança.

Alguns anos mais tarde, já no segundo volume de *Sex and Gender*, Stoller viria a suavizar sua descrição das características da “mãe de transexual”. Naquele momento, o retrato da relação entre mãe e filho ganha tons idealizados, míticos quase: a criança é amada sem hostilidade ou sedução. É um amor puro, ideal, harmonioso, totalmente desprovido de ambivalências. Na

²⁰ Stoller não hesitava em colocar em dúvida diagnósticos de transexualismo se o paciente tivesse uma mãe diferente daquela que sua teoria caracterizou. Sobre o assunto ver, Catherine Millot. *Extrasexo: Ensaio sobre o Transexualismo*. São Paulo: Escuta, 1992. p.44 e seguintes

perspectiva de Stoller, por não conseguir romper essa relação simbiótica, perfeita, com a mãe é que filho prolonga indefinidamente esse estado e, presa de uma confusão identificatória, segue pela vida reconhecendo-se como mulher.²¹ A mudança na construção do modelo materno na obra de Stoller, com todo seu abrandamento, não é desimportante. Afinal, com o passar das décadas os conceitos estabelecidos por Stoller se popularizaram (inclusive entre os candidatos à mudança de sexo) e servem, ainda hoje, como alicerce para incontáveis diagnósticos de transexualismo.

Não é por outra razão que definição do transexualismo, bem como o acerto em seu diagnóstico, avançam para além do interesse teórico. Como são base fundamental para a prescrição de hormônios e indicação de cirurgia para alteração de sexo, é preciso que sejam submetidos a rigorosa observação. Sobre isso o próprio Stoller não tergiversava: quaisquer erros nessa avaliação podem ter como consequência uma descompensação psicótica após a operação.²²

A esse respeito convém chamar atenção para um fato de inegável importância: a partir da sua experiência clínica, e atento ao quadro de referências que criou, Stoller pensava que os verdadeiros transexuais – aqueles para os quais a mudança de sexo seria indicada – eram casos de extrema raridade e representavam uma parcela ínfima dos pedidos de mudança de sexo.²³

Ocorre que nos últimos anos a demanda por cirurgias de mudança de sexo cresceram de maneira vigorosa. De tal forma que é possível concluir, acompanhando Millot, que “o transexualismo é agora um fenômeno social, pode-se mesmo dizer um sintoma de civilização”²⁴

A comparação entre duas estatísticas será útil para visualizar o aumento do número de casos. Entre 1969 e 2003, o Dr. Stanley Biber, cirurgião pioneiro nas cirurgias de mudança de sexo, operou 4.000 transexuais nos EUA²⁵. Em 2016, esse vem a ser o mesmo número de

²¹ É importante ressaltar que, se para Freud a libido é masculina em sua gênese, para Stoller a masculinidade seria secundária à uma feminilidade de origem.

²² Catherine Millot. Op cit. p. 44

²³ A larga maioria dos estudos acerca do transexualismo considere a alteração homem-mulher. Com relação às modificações do tipo mulher-homem quase não existe bibliografia. Os motivos para essa diferença estão provavelmente associados ao fato de que um número maior de homens demonstra interesse em mudar de sexo. Nos Estados Unidos estima-se que essa proporção seja de 1 em cada 30.000 homens e de 1 mulher em cada 1000.000. Sobre o assunto ver o artigo, “14 Unique Gender Identity Disorder Statistics.” Health Research Funding, 28 July 2014. Web. 16 February 2016 in <http://www.soc.ucsb.edu/sexinfo/article/gender-dysphoria>. Visualizado em 18/05/2016.

²⁴ Catherine Millot. Op cit. p. 17

²⁵ Walt Heyer. Paper Genders. Make Waves Publishing, USA. 2011. p. 16

pessoas que manifestam a intenção de passar pela cirurgia de mudança de sexo na Inglaterra.²⁶

Se nos primórdios, ainda na década de 60, as dificuldades para conseguir autorização ou meios financeiros para a realização das cirurgias inviabilizavam a troca de sexo antes dos 30 anos, hoje em dia jovens a partir dos 18 anos podem ser candidatas a essa operação. Mesmo às crianças tem sido oferecidas soluções associadas à disforia de gênero. Desde 2005, o pediatra norte-americano Norman Spack vem aplicando em crianças de 7 a 12 anos injeções bloqueadoras dos hormônios correspondentes ao gênero de nascimento como forma de retardar a puberdade, evitando o surgimento das características sexuais secundárias (início da menstruação, crescimento das mamas, crescimento de pelos, alteração na voz, etc). A terapia de bloqueio hormonal é o primeiro passo para a mudança de sexo nos mais jovens. A esse estágio segue-se a dosagem de hormônios do sexo oposto e, por fim, a cirurgia para mudança de gênero.²⁷ Naturalmente não há razão para supor que o tratamento proposto pelo Dr. Spack não tenha rompido barreiras e esteja sendo replicado em outros países.

A questão que se impõe à facilitação do acesso às cirurgias de mudança de sexo é: quais são as implicações do crescimento da procura por esses procedimentos? Para dizer de outra forma, e retomando a preocupação de Stoller quanto a acuidade das avaliações prévias ao consentimento para a operação, como assegurar que a demanda pela alteração de gênero seja manifestação de genuíno transexualismo?

A resposta a essa inquietação passa, forçosamente, pela desconfortável proximidade que existe entre a disforia de gênero e a psicose. Desde Freud sabemos que,

“(…) na neurose, o fragmento de realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose é remodelado. Ou poderíamos dizer: na psicose, a fuga inicial é sucedida por sua fase ativa de remodelamento; na neurose, a obediência inicial é sucedida por uma tentativa de fuga. Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora. A psicose repudia (Verleugnung) e tenta substituí-la”²⁸

²⁶ Os especialistas ingleses imaginam que o crescimento na procura pela cirurgia seja consequência, em alguma medida, da transmissão na televisão de um reality show com transexuais. Outra razão elencada é a ampla divulgação na imprensa da cirurgia da socialite norte-americana Caitlyn Jenner (nascida William Jenner). <http://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/patients-waiting-three-years-for-gender-identity-clinic-consultations-a6770971.html> Visualizado em 18/05/2016

²⁷ Walt Heyer. Op. cit. p. 25

²⁸ Sigmund Freud. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. Edição Standart Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

O trecho deixa evidente o tênue avizinhamento que se percebe entre a recusa a pertencer ao gênero de nascença e os sintomas psicóticos. O célebre caso Schreber é, de maneira indiscutível, comprovação disso.

Lacan mais de uma vez apontou que havia na psicose um pendor para o transexualismo²⁹. Segundo ele, a carência do Nome-do-Pai revela que para o sujeito o pai não possui existência simbólica. As consequências dessa forclusão se apresentam como chão tanto à psicose quanto à posição transexual.³⁰

[Na falta do Nome-do-Pai] a relação da mãe com a criança fica reduzida a uma relação dual, onde a criança é identificada com o falo que falta à mãe.(...) É por dever ser o falo, escreve Lacan, que o paciente será destinado a tornar-se mulher. “Certamente, a adivinhação do inconsciente muito cedo advertiu o sujeito que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens.”³¹

Como se vê, não é sem razão que 25% dos esquizofrênicos exibem desejos relacionados à prática de cross-gender, ou que em $\frac{3}{4}$ dos pacientes investigados por seu desejo de se tornar alguém do sexo oposto tenham sido diagnosticados como psicóticos, e não como portadores de desordem de identidade de gênero.³²

Foi seguramente para evitar o grave risco de uma avaliação equivocada que permitisse que pacientes psicóticos seguissem para a cirurgia, que uma série de procedimentos médicos e terapêuticos passaram a ser exigidos, em todo o mundo, como condição prévia à mudança de sexo. A verdade, no entanto, é que, a despeito das recomendações, nem sempre esse protocolo é seguido. A venda de hormônios pela internet ou a realização de entrevistas para avaliação psíquica que se resumem a um único encontro de 45 minutos são confessados sem pudor nas biografias de transexuais³³. E como sabemos que a ausência de sintoma psicótico não exclui forçosamente a existência de uma estrutura psicótica, não é difícil imaginar as consequências de um manejo terapêutico insuficiente ou inadequado nesses casos. A mais

²⁹ Catherine Millot. Op. cit. p.24

³⁰ Idem.p.30

³¹ Ibidem. P. 31

³² *Psychiatric Comorbidity of Gender Disorders: a Survey among Dutch Psychiatrists*, publicado no American Journal of Psychiatry, em julho de 2003. Apud Walt Heyer. Op.cit. pp- 32-33

³³ Nery, W. João. Viagem Solitária:Memórias de um Transexual 30 anosDepois. São Paulo:Leya, 2011.pp.11-93-153-165-168-169. Ver também, Walt Heyer. Op. cit. pp.18 a 21 e

Richards, Renée et John Ames. No Way Renée: The Second Half of My Notorious Life. New York: Simon&Schister., 2007. P76

lamentável delas é o alto índice de suicídios entre os transexuais. Sites de suporte a essa população estimam, sem muito rigor científico, é preciso admitir, que as tentativas de suicídio atinjam de 20 a 50% dos transexuais.³⁴ Ainda que não se possa ter plena convicção acerca desses números, convém estar atento ao que Renné Richards (nascido Richard Raskind), um dos mais conhecidos transexuais do mundo, diz sobre esse tema: “Mesmo que você seja um verdadeiro transexual, vai precisar ser forte para conseguir seguir adiante depois da mudança de sexo.”³⁵

Não menos desconcertantes são os casos de arrependimento pela mudança de sexo. Pessoas que, desencontradas com a nova identidade, sofrem com a escolha que fizeram ou, no limite, decidem retornar ao gênero de origem submetendo-se a uma nova cirurgia.

Conquanto esse seja um tema tabu para grupos de apoio aos direitos gays ou de transexuais, não é possível fechar os olhos a ele. Se não existem estatísticas que precisem a proporção de arrependimentos por cirurgias realizadas, há razão para supor que não são eventos de ordem desprezível. Casos reportados em vários países da Europa, nos Estados Unidos e na Austrália fazem desejar alguma teoria que dê conta de explicar essa indefinição, esse desassossego, em relação a identidade de gênero dessas pessoas.³⁶

O que me ocorre como hipótese é que pode ter havido, durante a primeira mudança de sexo, uma dramática confusão - um grave mal entendido - acerca da distância que tantas vezes existe entre a Demanda e o Desejo do paciente. Afinal, nem tudo aquilo que a gente diz querer coincide, de fato, com o nosso desejo.

Além disso, da incompreensão das motivações iniciais do sujeito – que mulher idealizada (perfeita e para sempre amada) é essa que se entrega para ser moldada pelo cirurgião? ; ao desejo de que Outro se responda com a mudança de gênero?; quais as razões para essa massiva identificação materna?; que Ideal de Eu é esse que atropela e mutila? – enfim, de todas essas questões tão fundamentais resta tantas vezes, ao fim do processo de mudança de sexo, camadas de dor e desencontro.

Inscritos no que se apresenta como politicamente correto (“se você quer mudar de sexo, mude! Ninguém tem nada com isso!”), ou dispensados pelo sistema de saúde de passarem por um processo consistente de avaliação psíquica, os transexuais (verdadeiros ou falso verdadeiros)

³⁴ Walt Heyer. Op. cit. pp.3-23-43-44

³⁵ Renné Richards. Op. cit. p. 281. Tradução minha.

³⁶ O premiadíssimo documentário sueco, “The Regretters”, do diretor Marcus Lindeen tem ajudado a tirar esse assunto do reino do silêncio. O filme conta a história de dois homens, Mikael e Orlando, que, transformados em mulheres, percebem o erro que cometeram e, na já na casa dos sessenta anos decidem voltar a viver como homens. Outro documentário que trata do assunto é o australiano, “ Boy Interrupted”, sobre a vida de Alan Finch. Tornou-se mulher aos 19 anos, aos 31, apaixonado por uma mulher, Alan decide retornar a ser homem. “O que eu precisava era de psicoterapia. Não uma mudança de sexo”, diz ele no filme.

perdem a chance de se indagar sobre suas motivações e, com alguma sorte, ressignificar o que lhes parecia um destino inevitável e irreversível. Sem essa possibilidade, os transexuais correm o perigo de seguir pela vida reafirmando a máxima de Tomasi di Lampedusa: “*Algo deve mudar para que tudo continue como está*”.

Supor que a única solução para os transexuais é a cirurgia é cegar os olhos para o alerta de Lacan: em sua busca, os transexuais são vítimas de um erro. Confundem o órgão e o significante. “Sua paixão e sua loucura consistem em acreditar que, livrando-se do órgão, livram-se do significante que os divide, sexuando-os³⁷”.

Referências Bibliográficas:

MILLOT, Catherine. Extrasexo: Ensaio sobre o transexualismo. São Paulo: Escuta, 1992.

NERY, João W. Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

RICHARDS, Renée e **AMES**, John. No Way Renée: The Second Half of My Notorious Life. New York: Simon & Schister, 2007.

FREUD, Sigmund. “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924). In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Volume XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEYER, Walt. Paper Genders. Make Waves Publishing, USA, 2011.

³⁷ Catherine Millot. Op.cit. p. 123

2º Semestre 2016

Ciclo V

Aluno: Carina Bolgheroni Martins

Título: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DO PSICANALISTA EM INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Em primeira instância, o trabalho que o psicanalista pode desempenhar dentro de instituições sociais é semelhante ao de uma análise individual em consultório. É necessário permitir um espaço de escuta possível que convoque o grupo ou o indivíduo a construir a partir da angústia compartilhada no momento da sessão.

Mas com o que o analista se depara no trabalho analítico em instituições sociais? O que pode ser específico deste trabalho?

De antemão, é possível pensar em algumas particularidades do trabalho tomando como base o atendimento que tenho como experiência realizado pelo Núcleo de Psicanálise e Ação Social – NuPAS do CEP com intervenções no projeto de Serviço Especializado em Abordagem Social - SEAS com os educadores que abordam as crianças em situação de rua, atendimento de escuta que é realizado em grupo. Há algo que é comum a todos e que os atravessa: a própria instituição que fazem parte, sua história e suas razões de existência. Cada um tem seu olhar subjetivo para as questões da instituição, mas há em si algo que é fundante e do qual não se pode escapar. O trabalho das instituições sociais é voltado para indivíduos que sofreram excessos: abusos eróticos, pancadas, foram receptores de ódio ou indiferença afetivas na primeira infância, entre outros eventos que não encontram lugar possível de existência psíquica confortável e são difíceis de serem digeridos socialmente. Os indivíduos que sofrem excessos encarnam os tabus sociais, os temores ~desejos~ de irrompimento da selvageria na transgressão do acordo originário do homem social: a interdição do incesto e a contenção da violência. “As instituições (...) indicam, vagamente, a possibilidade constante do assassino dos outros.”(Enriquez, 1991) As instituições sociais são, portanto, fundadas por uma violência.³⁸

³⁸ Enriquez, Eugène. *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. Capítulo III. O trabalho da morte nas instituições.

Representam a materialização da existência de eventos transgressores e existem na medida em que algo escapa à regulação e às interdições convencionais da sociedade. Nasce com objetivo de fazer algo com um evento real insuportável que não pode ser inscrito no meio social. “(Foi) um ato memorável e criminoso que serviu de ponto de partida para tantas coisas: organizações sociais, restrições morais, religiões”³⁹

Sem que este sintoma social possa ser extirpado do enlace cultural que os produziu, o que seria da mesma ordem de violência que gerou a situação de irrompimento do recalque, há algo neste resto que precisa ser logo encaminhado a algum lugar, de forma que o equilíbrio psíquico se mantenha. Idealmente, espera-se que a instituição social acolha este sintoma e que seja capaz de “curá-lo”. Espera-se que a instituição dê um direcionamento a essa angústia. A sociedade convoca a instituição a trazer de volta a “harmonia” anterior ao ato transgressor. Segundo Eugène Enriquez, a instituição tem como “alvo primordial ajudar na manutenção ou na renovação das forças vivas de uma comunidade, permitindo aos seres humanos serem capazes de viver, amar, trabalhar, mudar e, talvez, criar o mundo à sua imagem”⁴⁰.

Neste sentido, a instituição social tem potencial para ser a presença de Eros, significante grego para designar o amor e utilizado por Freud para descrever o conjunto das pulsões de vida. Essas pulsões são conservadoras “das unidades vitais existentes de forma a manter uma coesão das partes vivas”⁴¹. As instituições tem a característica de serem depositárias desse bem comum, pois abordam o tema da alteridade, do respeito, identificação com o próximo, uma fraternidade homogênea que pensa e trabalha para o coletivo. Espera-se que os indivíduos assistidos por esta instituição entrem nesta aura de Eros através do trabalho exercido pelos profissionais, e consigam se identificar com esta harmonia.

Por outro lado, é importante que haja uma regulação deste Eros tendo em vista sua contraposição: Tânatos ou as pulsões de morte. Essas pulsões falam sobre uma “tendência a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico.”⁴², em seu limite seria o esvaziamento por completo da excitação que culminaria em morte. Para Freud, as duas pulsões opostas devem estar em equilíbrio, qualquer uma delas em excesso é igualmente prejudicial para a saúde psíquica⁴³. Quando nas instituições Eros impera de forma

³⁹ FREUD S. *Totem e Tabu* (1914). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

⁴⁰ Enriquez, Eugène. *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. Capítulo III. O trabalho da morte nas instituições.

⁴¹ Laplanche e Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Vocábulo: *Pulsões de vida*.

⁴² Laplanche e Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Vocábulo: *Pulsões de morte*.

⁴³ FREUD S. *Totem e Tabu* (1914). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

total, seu efeito indiferenciador não abre espaço para questionamentos ou criações, direcionando para uma realidade de pouca comunicação e pouco interesse, abrindo espaço para Tântatos. Paranoias e delírios podem ser parte integrante deste momento em que as pulsões de morte prevalecem, na tentativa de dar conta das angustias não inscritas. Em paralelo, a violência pode também emergir, já que, como dito anteriormente, é parte fundadora das instituições. Qualquer trabalho analítico nas instituições deve levar este fato como ponto central de atenção.

Segundo René Roussillon (1991), “os homens colocam em comum nas instituições, mecanismos de defesa contra as angústias inerentes à vida individual e grupal. Este procedimento psíquico encontra-se na origem do investimento das estruturas sociais e institucionais.”⁴⁴ Tendo em vista esse cenário, há uma necessidade de dar significado ao trabalho institucional realizado, pois que ele existe numa relação ambígua entre o que se quer recalcar e o que é a razão de existência da instituição. Há nisso tudo um paradoxo, de saber que só há trabalho para os educadores hoje e perspectiva de continuar neste trabalho futuramente, porque o ato transgressor social não cessa. Neste labirinto angustiante, é possível que outra face das pulsões de morte se faça presente, o que Freud chama de compulsão à repetição. O dicionário de psicanálise explica como um “processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade.”⁴⁵ Nos processos psíquicos, os restos de real que não encontram representações possíveis na consciência, de tempos em tempos emergem na tentativa de elaboração, trazendo à tona o recalcado e atualizando, em forma de repetição do ato, o desprazer e o temor do ato transgressor. Tendo em vista a violência fundante da própria instituição que é cotidianamente vivenciada, há algo que é indizível e sobra e que pode passar ao ato na medida em que se tornar insuportável.

As pessoas que trabalham para as instituições e, em certa medida quem é atendido por ela, tem que se a ver com essas questões fundamentais da vida psíquica. Os trabalhadores do SEAS que estão imersos nas questões da instituição, muitas vezes não se dão conta conscientemente da carga psíquica que o próprio trabalho carrega por sua natureza violenta. Por outro lado, algo escapa e se localiza em certas desordens emocionais (depressão), faltas recorrentes justificadas por atestados médicos, uma série de sintomas no corpo, vontade de

⁴⁴ René Roussillon. *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. Capítulo VI. *Espaços e Práticas Institucionais. Quarto de Despejo e o Interstício*.

⁴⁵ Laplanche e Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Vocábulo: *compulsão à repetição*.

chorar quando chegam em casa entre outros. Sintomas que são vagamente relacionados por eles ao conteúdo de seu trabalho, como se quisessem colocar em esquecimento, blindar-se do sofrimento para conseguir seguir trabalhando. Neste contexto, há algo do indizível que precisa ser “falado”, inscrito em algum “lugar” para dar direcionamento à angústia. Há um resto que precisa ser elaborado de forma grupal e referente à vida coletiva e institucional. Neste momento, abre-se espaço para o trabalho psicanalítico. Segundo Freud, “o instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência. Tornamos a compulsão inócua, e na verdade útil, concedendo-lhe o direito de afirmar num campo definido. Admitimo-la à transferência como um playground no qual se espera que nos apresente tudo no tocante a pulsões patogênicas, que se acha oculto na mente do paciente.”⁴⁶

Segundo René Roussillon⁴⁷, um dos espaços possíveis de trabalho psicanalítico para estabelecer esta transferência nas instituições se dá no que ele chama de “o quarto do despejo”. O quarto do despejo é onde o analista pratica sua escuta analítica propriamente dita, são reuniões chamadas de “institucionais”, “de síntese”, “de casos” entre outros e que tratam assuntos práticos do dia a dia da instituição, mas que paralelamente invocam as fantasias acerca do que permeia o cotidiano da organização. Essas reuniões, por vezes, acabam sendo vistas como reuniões “improdutivas” por quem participa delas, pois nelas emergem assuntos que extrapolam o objetivo inicial acordado. Por exemplo, em uma reunião do NUPAS no SEAS o que era para falar do trabalho dos educadores que fazem a abordagem das crianças que vivem nas ruas e as questões que os atravessam, se torna uma grande discussão paranoica do grupo que acredita que não podem falar nada naquela reunião, pois pessoas da coordenação e colegas que não estão presentes estão ouvindo atrás das portas para espionar. Para os educadores a reunião desviou-se do foco, para o psicanalista é justamente uma fala sobre a tentativa de elaboração do trabalho exercido pelo grupo. Roussillon afirma que este é o lugar em que as angústias vão se inscrever na forma de delírios e paranoias na tentativa de elaborar as ameaças que transbordam na psique. Para Freud, a intervenção psicanalítica abre a possibilidade de elaboração para estes atos repetitivos ou mesmo angústias não nomeadas. “A transferência cria, (...) uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da

⁴⁶ FREUD, S. *Recordar, repetir, elaborar (1914)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

⁴⁷ René Roussillon. *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. Capítulo VI. *Espaços e Práticas Institucionais. Quarto de Despejo e o Interstício*.

doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção.”⁴⁸

Ser o psicanalista que suportará a neurose de transferência de um grupo em “crise” na instituição social é algo desafiador. Fazer de si suporte para um grupo institucional que está em constante atualização sobre as questões fundamentais da vida em sociedade suscita angustias que são advindas de seu próprio objeto de trabalho, que é o resto psíquico social/ institucional que não está simbolizado. Há de se ter em mente que este trabalho psicanalítico vai atualizar no próprio psicanalista as angustias vividas pelos atendidos, pelos educadores e pela sociedade. O autor Násio trabalha a angustia como elemento importante para realização do trabalho psicanalítico e acesso ao lugar do psicanalista: “(...) se ele (o psicanalista) reconhece a sua angústia em si ou se a reconhece no seu analisando, podemos considerar, neste caso, que essa angustia é o anúncio mais preciso da obturação do seu lugar, e ao mesmo tempo, da abertura deste lugar. Se um psicanalista pode perceber que está angustiado isto significa que está a caminho de ocupar o seu lugar.”⁴⁹

Por outro lado, em sendo notório que o psicanalista não está excluído dos totens e tabus que estão em jogo, é tentador cair na armadilha de se identificar-se a tal ponto que goze do sintoma compartilhado nos discursos apresentados nas reuniões. Conforme Nasio (1999) afirma, “sua oscilação libidinal (do analista) mostra um movimento pendular que o faz ir e vir entre uma identificação – o amor do objeto na psicanálise – e um controle exercido sobre si. Logo, identificar-se e, ao mesmo tempo, confrontar-se.”⁵⁰ Exige-se, portanto, que com frequência um questionamento (supervisões) sobre seu trabalho analítico seja desenvolvido a fim de perceber qual lugar o psicanalista está ocupando na transferência.

Este é o desafio do psicanalista, identificar-se, mas não “abandonar-se completamente ao prazer de expressar livremente o seu narcisismo e o seu egoísmo”⁵¹ ocupar um lugar que consiga se questionar constantemente sobre seu trabalho para não ser enlaçado nas questões originárias que atravessam a instituição. É preciso lidar com a razão pela qual a instituição existe e o motivo pelo qual o trabalho do analista é convocado. Todos, instituição e analista, podem padecer do mesmo mal a que pretendem combater (violências, desamparo), seja por identificação com o lugar do outro que sofre, seja pela vontade de blindar-se da insuportável

⁴⁸ FREUD, S. *Recordar, repetir, elaborar (1914)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

⁴⁹ Nasio, J.. *Como trabalha um psicanalista?*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

⁵⁰ Nasio, J.. *Como trabalha um psicanalista?*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

⁵¹ Idem.

constante atualização do ato transgressor que angustia e deixa seus restos não passíveis de simbolização.

Este trabalho é consequência desse resto provocado pelo atendimento do NuPas com o grupo de abordagens do SEAS. Uma tentativa de elaboração da força violenta que atravessa o atendimento psicanalítico deste grupo e que provoca a angustia no analista. Angustia que é consequência da experiência de suportar o lugar analítico que suscitam questões do próprio analista como a tomada de consciência de seu próprio conteúdo recalcado de violências, abandonos e transgressões e da relação com o grupo na aposta semanal em movimentar a energia de um cotidiano repleto de pulsão de morte e repetição, com o objetivo de tornar possível a elaboração, visando a autonomia dos educadores do SEAS frente às questões do trabalho na instituição.

Referências Bibliográficas:

ENRIQUEZ, Eugène. *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. Capítulo III. O trabalho da morte nas instituições.

FREUD S. *Totem e Tabu (1914)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. *Recordar, repetir, elaborar (1914)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Dicionário de psicanálise/ Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

NASIO, J.. *Como trabalha um psicanalista?*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

2º Semestre 2016

Ciclo VI

Aluno: Paulo Von Schwerin Pimentel

Título: PSICANÁLISE A CÉU ABERTO E UM RECORTE CLÍNICO

As terças feiras são dias de reunião de equipe no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Para esta equipe se reunir nenhum paciente deve estar lá pela manhã, exceto os casos de novos acolhimentos. Depois, no período da tarde, alguns deles vão até lá, porém sem atividades ou grupos, na maioria das vezes apenas para tomar ou pegar medicações, algumas poucas consultas e novos acolhimentos.

Porém existe/é/está Camila. Esse existir/ser/estar empresta muito significado à Camila. Trata-se de uma pessoa que necessita cumprir a integridade deste verbo da língua inglesa (verbo to be), ela existe se é Camila e se está como Camila. Precisa ser notada, ser vista, ser escutada, precisa de fato estar no lugar sendo Camila para assim existir no mundo. EM seu P.T.S. (Programa terapêutico singular), às terças-feiras, ela deve ir ao CAPS apenas na parte da tarde, para tomar remédios, o que deve ser feito na enfermagem, diariamente. Em minhas memórias, Camila sempre esteve no CAPS às terças-feiras, mesmo durante as manhãs. Quando não a via, logo escutava seus gritos entrando em atrito com algum profissional e tendo que ser contida a força.

Camila é uma pessoa única, quase uma caricatura de uma doente mental. Uma mulher clássica da literatura freudiana e ao mesmo tempo uma típica doente mental dos serviços de saúde pública. Às vezes, uma sarcástica manipuladora e atuadora. Ela tem 21 anos, é negra, com um rosto que poderia ter de 19 a 35 anos sem me causar estranhamento algum. Este rosto me chama a atenção. Ele possui uma mancha parecida com uma gota escorrida no rosto, como um palhaço melancólico. Os olhos fundos variam muito. Às vezes estão virando literalmente, às vezes olhando para o nada, às vezes fixos nos meus olhos de maneira tenra, brilhante, calma, viva. Às vezes sorri como um bebê dando as mais deliciosas gargalhadas. Por falar em riso, da sua boca com lábios carnudos brotam risos constantes, sarcásticos, espontâneos. Esse rosto em formato de bolacha trakinas, bem redondo, é rodeado por um cabelo esquisito,

emaranhado, bagunçado, quase sempre preso de alguma forma bastante desordenada. E um corpo pequeno, gordo.

As pernas chamam a atenção. São curtas, roliças, com joelhos e tornozelos largos. Parecem ter vida própria, independente de Camila. Ao mesmo tempo em total falta de sintonia e em total sintonia com ela. O que Camila tenta ela definitivamente não faz, ou faz a seu próprio modo desordenado. Como Camila também é muito desordenada, a perna combina com ela. Quando ela anda, a perna direita deve sempre fazer um movimento altamente complexo, único. Primeiro ela flexiona a coxa até ficar a 90° da bacia, então ela levanta a parte inferior da perna até ficar em linha reta com a coxa, invariavelmente, em algum ponto, a perna cai em direção ao chão, e Camila pode concluir uma passada. Às vezes aparece um movimento lateral junto, um intruso, que causa um abalo na tentativa de completar o movimento. Quando essa tentativa lhe é muito custosa, ela desiste e então anda de costas, sem grandes interferências da perna.

Quase sempre trás adereços, chapéus, óculos escuros, rádios portáteis, latas para reciclar, blusas. Muitas vezes está maquiada, como sempre de maneira extravagante. A fala de Camila é completamente articulada gramaticalmente, sem grandes erros ou problemas em se comunicar.

A existência dela no CAPS se dá sempre por manifestações constantes do ser e estar dela. Lá ela está e é, todos os dias, independente do seu P.T.S.. Quando no CAPS ela está, ela é Camila, assim permite que ela exista, seja; para mim, para o CAPS ou para o mundo que nos margeia. Muito bem, já temos o contexto das terças-feiras no CAPS e a forma de existir/ser/estar de Camila.

Nesta terça, não foi diferente. Estava ela lá, na parte externa comum a todos usuários e profissionais, mas ela estava só. Eu, dentro da sala de reunião, escuto seu primeiro grito, bastante comum, que ordena para alguém: - Sai daqui!! Este grito me tocou. Além de me tocar me suscitava associações, devaneios, até mesmo meus próprios gritos internos que me colocavam diante de todas as vezes que eu assisti a mesma cena e nada fiz além de observar. Meus próprios gritos internos me pediam para desta vez intervir. Já não sei se eram minhas próprias vozes internas ou se estava atravessado pelas vozes internas da Camila, sei que me pediam para protegê-la de nós mesmos, de alguma forma me pedia para chegar até ela antes dos outros profissionais, para evitar o que já estava enojado de ver, ela sendo contida a força.

Desta vez foi minha vez. Não, não, foi a vez da Camila. Eu chego antes de todos, antes de ela prosseguir com mais gritos e chegarem outros profissionais para contê-la. Estava eu em pé, recém saído da porta entre a recepção e a área externa, ela sentada no banco de madeira, e o segurança em pé do outro lado do pátio. Logo lhe chamo pelo nome, energicamente, e faço

uma única tentativa de mover sua atenção do segurança a quem ela tentava afastar aos gritos como quem afasta um cão. Ela estava fixada no segurança, e o meu chamado trás a sua atenção para o que eu tinha a lhe dizer. Assim consigo ter minha primeira conversa com Camila. O segurança se vai, fico eu e ela sentados no banco de madeira.

Já tínhamos falado outras vezes, sempre durante ou depois às suas crises. Pela primeira vez consigo chegar até ela antes dela evacuar. E pela primeira vez estávamos só eu e ela. Nós ainda nas mesmas posições, e eu arrisco convida-la a ser escutada: - Você quer conversar?

A olhos nus, o que aconteceu neste tempo foi o seguinte: A vi gritando com o segurança, chamei-a pelo nome, me sentei e lhe perguntei se ela queria conversar. Mas a minha sensação é de que aconteceu muito mais coisa neste tempo.

Pela primeira vez a escuto. Escuto-a me dizendo que após suas crises, ela se põe a pensar sobre o outro, sobre se arrepender do que fez. Depois das crises ela se preocupa se machucou o outro. Escuto a principal pergunta que ela se faz neste momento: - Não queria ter feito isso, porque eu fiz isso? Surpreende-me sua capacidade de refletir sobre si, sobre o que acontece com ela própria. Escuto ai uma ponte para ela entrar em contato com ela mesma, e eu a digo: - Em suas crises você parece não controlar suas atitudes. Ela me diz que sim, e eu continuo: - Me chama a atenção que você se coloca em situações que te levarão a uma crise, e depois, utiliza uma excelente capacidade sua de auto reflexão para se punir, se culpar. Deste jeito você tem um impasse que nunca irá solucionar. É como a imagem do cachorro correndo atrás do próprio rabo, quanto mais rápido ele vai, mais o rabo se afasta, em uma busca interminável. Ela então ri notadamente. Eu lhe proponho que se ela conseguir não se colocar em situações que lhe levem as crises, ela pode desfazer este ciclo repetitivo e experimentar novas sensações, experiências.

Assim foi nossa primeira conversa, nossa primeira sessão de psicanálise a céu aberto. Sentados em um banco de madeira, lado a lado, onde eu não poderia ser mais do que um escutador dos seus sentimentos e pensamentos. Ainda que um analista do seu inconsciente a céu aberto. Lado a lado, pois neste momento não existe um setting que me proteja da paciente, existe uma troca que me convoca para estar lado a lado com a paciente, a ouvir as vozes internas como ela própria as ouve.

Algumas horas depois, quando estou voltando do almoço, (costumo almoçar em um restaurante 4 quadras distante do CAPS, na avenida principal do bairro) cruzo com a psiquiatra que atende Camila. Alguns metros depois, cruzo Camila, sem blusa, apenas com o sutiã cobrindo seu busto. Ela já vinha destrambelhada do outro lado da rua, atirando alguns pertences ao chão. Ao cruzarmos, tento um contato com ela, mas não recebo nada em troca,

ela parece estar determinada em alguma outra coisa da qual não pode se distrair para me responder. Ela segue na mesma direção da psiquiatra, aumentando a velocidade dos seus passos, até que chega a tentar uma corrida bastante lenta e desengonçada, visto os movimentos atípicos de sua perna direita. A psiquiatra então se dá conta que Camila tentava lhe alcançar e também começa a correr, sugerindo uma fuga.

Até então eu estava apenas intrigado com o que se passava, mas não fazia nada além de olhar para as duas, parado na calçada. Eu decido proteger a psiquiatra, colocando para mim que impediria Camila de entrar no restaurante e perturbar a colega. Mas antes mesmo de chegar à esquina, Camila para com muitas dificuldades de se locomover, e eu a alcanço. Ela me confirma que irá atrás da psiquiatra, vejo que naquele momento ela não me permitia nada além de estar com ela, então com ela eu fico e vamos caminhando em direção a avenida. Neste caminho vamos conversando, aparece o medo dela em ser presa por estar sem blusa. Aparece também o que não sai dos meus ouvidos, ela tentando me dizer o que estaria fazendo. Ela não consegue nomear, diz que agora tem que ir até o fim, que não pode desistir. Ela falava sobre ir atrás da psiquiatra, mas inconscientemente ela falava de outro desejo. Desejo este incognoscível, indecifrável, porém certa de saber ao menos inconscientemente o que buscava fazer. Estava certa, irredutível.

Quando estávamos a poucos metros da avenida que caracterizaria nossa saída do bairro, da segurança informal das ruas vazias (talvez também uma sensação de segurança do meu próprio “setting interno”), eu encontro o meu limite para acompanhá-la. Nomeio este limite para ela: - Naquele poste branco antes da esquina eu deixo de te acompanhar. Ela prossegue, irredutível em sua necessidade de perseguir. Voltam seus medos: - E se tiver polícia na avenida? E se me prenderem? Eu então significo o meu limite, lhe digo que não poderei me colocar em risco na avenida, não aceitaria ser responsabilizado por ser conivente com sua postura de estar sem blusa. Lhe ofereço minha malha que não é aceita em nenhum momento.

Logo então chegamos ao poste, ao mesmo tempo em que lhe reafirmo que dali eu não passarei, ela passa sozinha, de uma vez, sem parar minimamente que fosse. Ela me olha, sobre seus ombros se voltando parcialmente para trás e me pergunta: - Você me espera aqui?

Neste momento me dou conta que não sabia em nada o que fazia ali. Apesar de todas as tentativas de colocar para mim mesmo que sabia o que estava fazendo; primeiro proteger a psiquiatra, depois proteger a paciente, e por último fazer o meu trabalho de tentar ajudar Camila. Mas neste momento, neste exato momento, um eternamente longo momento, me dou conta de que nada sei sobre o que estou fazendo. Então me liberto de algum saber e permito me colocar para Camila independente de erros ou acertos, coerências ou incoerências. A céu

aberto, desprotegido pela ausência de um setting analítico, mas protegido por algum setting interno, talvez não protegido, mas ao menos com um lugar interno assegurado.

Assim lhe digo que a esperarei se for para voltarmos ao CAPS, depois de ela me fazer a mesma pergunta algumas vezes sem que eu pudesse responder, pois estava tendo que lidar com minhas próprias dúvidas sobre o que estava ali fazendo. A minha resposta lhe ajuda de alguma forma a seguir seu caminho, e assim ela faz. Vira a esquina e entra em outro restaurante que não o que a psiquiatra frequenta. Logo ela volta, ela parecia saber que não a encontraria. Ela fica em um briga interna querendo continuar a sua busca, ao mesmo tempo em que me olha como quem não quer desfazer o combinado de eu a esperar para voltarmos ao CAPS. O nosso pacto fala mais alto e assim começamos a caminhada de volta.

O trajeto foi longo, muito longo. Muito mais longo do que o trajeto de ida, ainda mais longo do que o caminho que faço todos os dias na volta do almoço. Doía para ela, se queixava de cansaço e parava a todo instante. Na ida, me recusei a lhe ajudar a carregar suas sacolas; já na volta, me permito levar suas coisas comigo. Ela tenta desistir, diz que está virando os olhos, que não irá conseguir, eu nada falo, apenas a espero, mas ela sempre continua a caminhar depois de uma pequena pausa. Vamos até o lugar onde atirou seus pertences, ela veste sua blusa, recolhe suas coisas, vai me perguntando se deveria levar as latas, se deveria as deixar, e por fim adentramos no CAPS terminando nosso percurso. Não um percurso analítico terminado, mas sim um percurso em que nossas transferências e contratransferências se encontraram em um terceiro lugar, um espaço que não pertence ao meu mundo interno, tampouco ao mundo interno de Camila, mas que estava ali acessível a nós (mais a mim do que a ela) e a serviço do sofrimento vivido por Camila.